

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 78

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua da República
GUIMARÃES

Redactor principal,
N. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 16 de Maio de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães

Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesse
R. DE PAIO GALVÃO

Eterna ambição

Quando dissolvêmos um sal na água, por exemplo, nota-se que, logo que a capacidade de saturação é atingida, se principiam a depositar no fundo do recipiente os cristais do sal. Se observarmos bem, verêmos que esses fragmentos se sobrepõem e que a última camada, a que está em contacto com o fundo do recipiente, sofre a pressão de todas as camadas que se lhe acham sobrepostas, e que, se o todo fôr agitado, casual ou propositadamente, a limpidez do líquido altera-se, os fragmentos sólidos sobem, rodopiam, lutam, veem até á superfície, e são substituídos por novas camadas, precipitando-se uns, dissolvendo-se outros, para se dar novamente o equilíbrio com mudanças de posição de cristais, quando atingido o estado de repouso.

Este fenómeno tam simples e tam fácil de verificar, faz-me lembrar o que se dá na sociedade humana. Desde que a humanidade se congregou em grandes grupos, povos, nações, estados, chegou a um certo grau de equilíbrio, chamado civilização, cuja enorme e pesada massa repousa e esmaga os que não teem logar á mesa do festim da civilização. Eternos párias, os desta camada! Não é para eles que a sciência, as artes e as indústrias embelezaram a vida, criaram o vapor, a electricidade, a música, os belos tecidos, as maravilhosas architecturas e os requintados manjares! A essas profundezas não chega a luz divina do progresso que, como a do sol, vai diminuindo de intensidade á proporção que mergulha nas águas do mar! Lá, no fundo desses abismos, só reina a tréva, a miséria, o crime e a abjecção. Como no inferno do Dante, só ali se escuta o eterno rangêr dos dentes e os horrores tão magistralmente descritos pelos grandes vates que sondaram esses abismos infernais, que não são quiméricos nem de além túmulo, mas vivem e palpitam a par da mais requintada civilização. Percorrendo as páginas da história, lá vemos, em caracteres sombrios, o mísero habitante dessas tenebrosas regiões, novo Atlas, esmagado pelo peso e maldição da terra. E' o pária na Índia, o fela no Egipto, o ilota na Grécia, o escravo um pouco por toda a parte, o servo da gleba, e modernamente a escumalha, essa legião anónima a que Gomes Leal chamou a canalha.

O economista Maltus estabeleceu a tremenda e horrorosa lei de que: — As subsistências crescem numa progressão aritmética, e o consumo numa progressão geométrica. — Tremendo problema a que a sciência tem procurado dar um desmentido, buscando, afanosa, multiplicar a produção e garantir a Sociedade contra a fome; mas nesta luta entra o deve e o havêr, ha sempre um deficit alarmante, mercê da menor produção actual

e da desigual repartição. Debalde as religiões e a sciência teem tocado a rebate para o grande problema social; nem a religião com a caridade tem podido encher o abismo, nem a sciência tem conseguido derrubar o egoismo social que poderia trazer beneficios ás classes ínfimas. Sobre estas repousa o peso dos gosos e fruições que são apanágio dos privilegiados. Enquanto uns tombam na arêna da vida rebentando de fatura, artriticos, degenerados e minados pela crápula, outros, os párias, vão morrendo lentamente, dia a dia minados da fome, da miséria e dos mil sofrimentos da sua vida degradante.

De tempos a tempos, o sol da liberdade agita o marasmo e o equilíbrio social, agitam-se as massas, fervem e revoloteiam as paixões humanas, e lá das profundezas do abismo surge á luz da nova aurora a escumalha; o Atlas sacode os ombros fatigados, ergue-se e eleva-se no eterno aspirar aos gócos da humanidade e, coroado da luz vencedora, sobrenada á superfície social. No entanto, novas camadas vão caindo na tréva, precipitadas como Satanaz dos fulgôres celestes no abismo dos horrores. E são estas que agora vão servir de Atlas, de eterno esmagado de todos os preconceitos e sofrimentos sociais!

Eterna mutação de cenário, eterno jogo, em que os que estão de cima querem conservar os beneficios, o bem estar, ainda á custa do mal dos que estão de baixo!

Espíritos tem havido, por honra da humanidade, que destoam deste egoismo feroz das lutas sociais. A figura luminosa de Cristo, e tantos outros condutores de homens, desceram ao seio do abismo social e, mineiros ousados, arrancaram de lá o diamante negro dos humildes e desgraçados, trazendo-o á luz do dia, ao sol rutilante da liberdade e amor! E o escravo, o pária, o desprezado, subiu, ergueu-se ás regiões fulgurantes do sonho, da liberdade, do poderio, e, uma vez ali, sofismando e renegando a luz do Mestre, premiu com todo o peso da onipotência social os que tinham descido na escala da civilização, como os eternos egoitas de todos os tempos!

Os que eram pobres e deserdados sem mais quinhão do que o manto do céu azul, aspiraram ao dominio universal, não pelo dominio espirital das suas consciências, pelo amor do próximo, da humanidade, mas sim pelos bens terrenos, com dominio e posse mais lata e imperiosa que os Césares romanos! Já não são a voz harmoniosa e amável de Jesus dizendo: «O meu reino não é deste mundo.» — Amontôam-se as riquezas, obras de arte as mais portentosas, joias as mais deslumbrantes, e vastos territórios com os seus servos e escravos, são a negação da palavra do Crucificado. Se de tempos a tempos as revoluções não arrancassem á avidez e voracidade dos magnates e

dos ministros do Pobre entre os pobres, do Humilde entre os humildes, o que uns e outros iam amontoando, a esta hora a humanidade, se queria ter um solo livre, um palmo do glôbo que pudesse agricultar por conta própria, teria de emigrar para outro planêta, pois a Terra não chegaria para satisfazer a ambição e acumulação que em nome do direito hereditário, e ainda mais do divino sobre ela se pavoneavam!

Continúa acêsa e fêra a luta, e o terrível principio posto por Maltus ainda está de pé; busque a sciência achar a fórmula prática de resolvê-lo a bem da humanidade. Haja caridade e tolerância, amor do próximo e menos igoismo, e, com fé e trabalho, dias surgirão em que esse eterno e pavoroso fantasma — a Fome —, baqueará do seu pedestal, para dar logar a todos no banquete da vida.



Manias...

Ha quem prefira enviar cartas sem estampilhas para o correio, do que colar-lhes as da feia e odiada figura da República, á falta das do velho tipo com a simpática figura do adorado reisinho.

Mas como estas hão de esgotar-se e como a nova moeda não tardará a aparecer em circulação, sempre queremos vêr se a teimosia de tais maniacos persistirá em não franquiá-las as suas correspondências e em não aceitar a nova moeda... dando-a de presente ao diabo.

E' o dás!...

Pergunta

Os passeios das ruas destinam-se também a carretas de mão, a ciclistas e a cestos á cabeça?

Em caso negativo faça-se cumprir as posturas municipais, mettendo na ordem os contraventores que se julgam já com liberdade de tudo poderem fazer.

Só assim

No parlamento, para se arranjar numero para as camaras poderem funcionar, por vezes e prolongadamente, as campainhas dos corredores e salas e os contínuos pedem, com lagrimas nos olhos, aos pais da Patria para irem ocupar os seus logares.

Já é!...

O senhores, mandem servir sobre cada carteira apetitosos manjares, ou anunciem interpeleções sensacionais, embora estêris, que chamem o madamismo ás galerias e verão como tudo entra nos eixos.



Em Foco

Os castigos escolares foram condenados pela sciência pedagógica

Uma criança que corre perigo de vida por maus tratos infligidos na escola

Dum nosso amigo recebemos, há dias, uma carta de onde recordamos este periodo que é um apelo directo ao jornal:

«O portador desta é o pai de uma desventurada criança, vítima das brutalidades dum tal sr. Teixeira, professor em Brito. Queira ouvi-la sobre esse tão revoltante caso até hoje abafado pela pedra da pedinheira, evitando assim que eu recorra aos tribunais reclamando justiça, e justiça severa, para o malandrim assassino de crianças...»

Estas palavras assim tão sacudidas e vibrantes de indignação, encontraram em nós eco, o mais sentido, não sem que pelo nosso espirito não perpassasse a figura desse professor, não já clamando de menos verdade a severíssima, a desumaníssima, a selvagíssima crêsa do seu castigo, por que lhe não será isso fácil, mas lamuriando a sua sorte, clamando piedade, rastejando desculpas, como se entre o algôz e a vítima o nosso coração se pudesse inclinar e comovêr por outro que não fôsse a vítima, e que vítima, — uma criança!

Não tivemos, pois, dúvida em tomar conta do caso, que nos é contado por um pobre velho, o sr. José Machado, do logar da Bouça, freguesia de Brito, trabalhando de serviçal num estabelecimento desta cidade.

Não é o caso de agora, diz-nos êle, pois passou-se no mês de Dezembro. Frequentava o seu filho, de 12 anos, a escola oficial da freguesia. Um dia este, ao voltar da lição, apresentou-se-lhe queixoso e maguado por maneira que o levou a indagar do rapaz e, depois, dos seus companheiros de escola, qual o crime nefando perpetrado pelo seu filho, que assim encheu de cólera ferina o professor!

Traquinasse? estouvamento? uma «partida»? um gazeio? nada disto: O mestre escola, não contente em quebrar a câna que aponta aos cartões, na cabeça do pequeno estudante, ainda o atirou brutalissimamente contra a parede... a ponto de o rapaz, na frase do pai, nunca mais ser

bom, só porque não lhe fêz sem erros umas contas! Estupendo!

Não correu o pai do pobresito ao sitio da escola a esmagar a caveira do... professor; este, todavia, paga a dois médicos — um, diz-nos o pai, que fôra o sr. dr. Faria, das Taipas, — para que examinem e tratem o desgraçado. A despeito, porém, desta intervenção médica, e mais tarde de um endireita, o pequeno continuou a sofrer, a gemêr, impossibilitado de dar passada.

E' nesta situação, quando já o professor conta com a impunidade e não mais caso faz da situação de dôr e de dificuldades em que os pais do aluno se mergulham dia a dia para não deixarem morrer na choupana o desventurado, é neste lance que o sr. José Machado vai levar a sua primeira, a sua segunda queixa á sub-inspecção escolar, nessa altura confiada ao secretário sr. Henrique M. Monteiro de Matos.

— E o que fez o sub-inspector? perguntámos nós nutra justificada curiosidade.

— Nada, meu «senhor»! — volte-nos desalentado o pai da pobre vítima. E acrescentou: — O que sei é que tenho gasto dinheiro de economias com a doença do nosso filho, para afinal nos estar lá doente em casa, sem salvação! Se o «senhor» lá fôsse a casa... havia de vê-lo; está a morrer de todo!

Senhor sub-inspector: Oferecemos á vossa consideração de funcionário zeloso e cumpridor a queixa deste pobre pai, que pede justiça para um seu filho, menor de 12 anos, maltratado sob pretexto de castigo escolar, por forma tam cruel e violenta que toma porporções dum crime. Chama-se José Teixeira o vosso subordinado e rege a escola de Brito, segundo os nossos informadores. Reparaí que levamos até vós o nosso apêlo, porque confiámos na integridade do vosso character, como funcionário e como amigo.

Urge que deis um exemplo forte e salutar, demonstrando desta maneira que as crianças teem ainda corações que sejam por elas.

A inditosa criança deu entrada no Hospital da Misericórdia desta cidade.

Uma sindicância que está a pedir... sindicância!

Ha quinze dias que fomos chamados ao tribunal para depôr, como testemunha, numa querrela promovida contra uma carta aqui publicada na secção—*Jornal para todos*, onde o seu autor indicava abusos graves dum funcionário do Estado, o chefe dos impostos fiscaes. Sob requerimento apresentado pelo advogado officioso, foi o julgamento adiado, o que equivale a dizer que em outro momento ali temos de voltar para dizer o que sabemos ou pensamos sobre o facto em questão.

Sem prejuizo do que hajamos de depôr em tribunal, a verdade é que apetece apurar em que deu essa sindicância ordenada pelo ex.^{mo} Ministro das Finanças, e da qual se desempenhou um empregado superior da Repartição de Finanças no distrito, o sr. Monteiro, que aqui expressamente viera para esse fim.

Em antes, porém, de apreciarmos esse trabalho de investigação, queremos dizer aqui muito á puridade a falta de confiança, o desalento que nos vão inspirando tantas sindicâncias ordenadas após a proclamação da República, no sentido, sem dúvida, moralizador e saneante, mas que, mercê de vícios fundamentais e antigos, parecem destinadas a não produzir nada de bom e de esclarecedor, como é evidente que tanto convinha para edificar e corrigir.

Viera, como dissemos, syndicar os actos do referido funcionário superior dos impostos fiscaes deste concelho um outro funcionário... conhecido e amigo do syndicado. Passeavam ambos, iam e vinham da repartição na melhor das camaradagens, permutavam mortalhas e tabaco na mais íntima das comunhões.

Podem tais sintomas não representar, é certo, mais que um pronúncio de cordealidade, sem prejuizo nem embargos no respeitante ao exercicio das obrigações dum syndicante austero e cumpridor. Podem! Mas, quem sabe de que fragilidades é feito o coração humano; quem sabe a influencia que exerce no animo, ainda dos mais fortes, a harmonia de relações, a constância dum trato amável, o segredo suggestionador das palavras e atitudes humildes, não ignora, não extranha tambem como só raras organizações individuais podem resistir aqúelle mágico enleio, que pode ser sincero, mas que leva quasi sempre á abdicación dos deveres. Por tudo isto nós, confessamos, não vimos, não podemos ver, sem desconceito para o syndicante, a sua camaradagem feita tanto a nú. Adiante.

Queríamos, porém, mais flagrantes provas de desconfiança, procurámo-las, e, deploravel e lastimavel é dizê-lo, — encontrámo-las. Aonde?

Na maneira como o sr. syndicante dirigia os seus interrogatórios, pela forma como encarreirava as testemunhas nos seus depoimentos!

—O sr. sabe se F. fazia avanças baratas? — interrogava o syndicante. E a testemunha, não podendo fazer uma afirmação formal, dispunha-se a contar um episódio que, pela sua dedução, talvez esclarecesse a pergunta. Mas o sr. syndicante intervinha, dizendo já saber do caso, etc., e não ter isso importância!

—Sabe se F. era sócio na venda dos azeites do sr. P.* Ramalho?

—Não sei, volve-lhe a testemunha: mas o que tive já ocasião de ver é que o sr. P.* Ramalho equem tira a maior parte das avanças dos vendedores do concelho, porque, dizem elles, este senhor as *arranja mais baratas*.

—Pois a estas e outras declara-

cões arrematava o syndicante sr. Monteiro: *que não tinham importância, que não valia a pena escrê-las!*

— Em fasce disto, quem espera, quem confia que dê alguma coisa a sindicância?! E se a sindicância não mostrou *toda a verdade*, será lógico esperar coisa diferente do tribunal?... Ai! este mundo, este mundo!

UMA GALERIA

Tipos populares da nossa terra

IV



O TRINTA FUROS

— Está pronto a marchar, senhor Domingos?

— Prontinho, meu senhor!

— Ora vocemecê vai daqui a Garfe; sabe onde é?

— Sei, sei, meu senhor!

— Conhece então o caminho, não é verdade?

— Como as meninas dos meus olhos: eu vou daqui direito á feira do gado, da feira do gado vou á Senhora da Madre de Deus de Fóra, da Senhora da Madre de Deus meto abaixo ao atalho e vou como um fuso á Ponte de S. Lourenço, onde o sr. *Roberto* tem uma Quinta; de lá estou logo no alto de Gominhões, méto ao caminho velho, estou logo no terreiro do fogo de S. Torquato, depois *assubo* acima á estrada, entro no Vitorino, bebo um copo; tau, tau, tau, por ali fóra estou em Gonça. Vou á Costódinha do Vicente e...

— Diga lá, diga...

Mando vir outro côpinho e si-go por ali abaixo; dou logo c'o penêdo dos casamentos; depois, dali a Garfe é um tiro de espingarda.

— Bem, já sabe: vocemecê entrega essa carta e essa encomenda no sr. Abade, vê o que ele lhe diz, e, se lhe der a resposta, não a perca, ouviu?...

— Pode estar descansado.

— Não se esqueça do que leva, heim?...

— Não se affija o meu senhor; já sabe que lhe tenho feito muitos recados, e, louvado seja o Senhor, nunca perdi nada.

Na volta, o senhor Domingos vem já um tanto alegre: geralmente dá-lhe para cantar e dançar o solo inglês (especie do Rei David) entretenendo-nos bem, por alguns momentos, com a sua melodiosa voz e os seus encantadores requê-bros.

De envolta com outros, sai-nos assim com estas quadras.

Meus ricos anjinhos,
Minhas ricas florzinhas:
Ide embora, meus amôres,
Eu só quero as *pichorrinhas*.

Um pândego, o trinta furos: foi sempre alegre e muito respeitador. *A's vezes* a pinguinha dá-lhe volta ao touthico, como êle diz, e daí, uma (?) por fóra, mas isso ago-

ra tambem já poucas vezes succede —êle está tão caro... Olhe que se lhe não pode chegar, meu senhor. Dantes, eu, com vinte e cinco, bebia meia canada daquele de ardêr nas candeias... agora, um home vai á benda, manda vir meio quartilho, é roubado na medida e antão é uma zurrapa que até parece agua-pé dos lavradores. Deus me livre!

Sapateiro ha bons setenta anos, o trinta furos não deu para «obra de encomenda»: não se applicou, não tomou amôr pela Arte, descuidou-se a deitar tombas e meias solas, e assim passou o tempo de poder progredir e ser artista. Depois dos quarenta anos, o bom homem sola tamancos, e dessa canceira tira a sua diária de tres vintens com que paga a cama e o caldo. Para o gôlo, ou um recado lhe dá para êle ou os amigos lho pagam em troca duma *cantiga*.

Não é fácil saber-se a origem da sua alcunha. Já o perguntei e nunca uma resposta me satisfêz: inclino-me, porém, a uma opinião mais ou menos palpável: o sr. Domingos, para manifestar a sua admiração por qualquer acontecimento, dizia invariavelmente — Oh! com trinta furos!... Tal qual como poderia dizêr — Oh! com trinta carochos de azeitonas! E dava *casca* quando a garotada lhe dizia:

— O' trinta furos!... O' trinta furos! Mataste a mulher!

Tem dois carros de anos, diz êle, e se não fôssem os braços não ter forças... olhe que pena tenho eu, e se não côrro êsses malandros é porque não tenho já com que lhes sêr bom, senão... eu é que lhes dava o trinta furos mas era com a sovêlo na cabeça.

Laboratório de análises clínicas e bromatológicas

Participa-nos o sr. Manoel Jesus Sousa, hábil farmacêutico, ao serviço da Farmácia Dias Machado, que acaba de fazer uma aquisição de material para a instalação dum laboratório, cujo fim se destina ás análises clínicas microscópicas, ultra-microscópicas e bacteriológicas; análises qualitativas e quantitativas de urinas, es-carros, sangue e puz, leite de amas, derrames das cavidades, puz da uretra etc.; análises idrológicas, alcalimétricas, clorométricas, sulfridrométricas; análises químicas, agrícolas (azeites, vinhos e vinagres), e produtos alimentícios (fatinhas, queijos, manteigas, etc.)

Junto ficará tambem instalado o laboratório de esterelisações, cujo fim se destina á preparação de líquidos injectáveis esterelizados, que ao comércio são entregues em ampôlas de capacidade variável, e artigos para pensos — algodões, gazes, sóros fisiológicos.

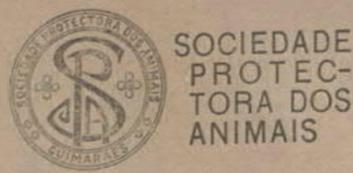
E' inquestionavelmente uma iniciativa que, traduzindo-se num grande beneficio para esta cidade, ha de ao nosso amigo trazer a recompensa merecida.

Novo dicionário português

Elaborado de harmonia com a Reforma Ortográfica oficialmente adoptada por portaria de 1 de Setembro de 1911, por José Pestana e J. A. Dias Pereira, revista e prefaciada por Jaime de Vasconcelos, composto e impresso na Tipografia e Papelaria dos Loios, de Costa & Carvalho, no Porto.

E' a primeira publicação no género, que se recomenda pela sua utilidade, satisfazendo todas as dúvidas que possa haver na applicação de todas as regras para uso regular do novo método ortográfico.

A assinatura desta obra pode ser feita nas tabacarias Lemos e Havaneza, agentes nesta cidade.



Concurso entre as Escolas Primárias do país — Pefição á Câmara — Aprovação de novos sócios — Outras notícias.

Convicta de que nada é mais salutar para a base de uma verdadeira educação moral, do que ensinar a crianças a não maltratarem os animais, porque esse género de crueldade é o primeiro degrau da escada que conduz á perversão de sentimentos e a uma depravação completa, a Sociedade Protectora dos Animais, de Lisboa, com a cooperação e auxilio das Sociedades congêneres do Porto, de Guimarães, de Coimbra, do Funchal e de Ponta Delgada, abre concurso com prémios diversos entre os alunos, de ambos os sexos, das Escolas Primárias do país, para o desenvolvimento dos seguintes temas:

1.º—Sendo os ninhos não apenas úteis sob o ponto de vista do papel depurador e económico distribuído ás aves na defesa contra os estragos de vários insectos prejudiciais á agricultura, mas tambem uma obra de paciência e de amor, necessária á harmonia da criação; como deve ser considerado todo aquele que propositadamente destroe qualquer ninho?

2.º—Sendo o cão o maior e mais fiel e dedicado amigo do homem e o que mais e melhor compreende a voz humana, que conceito moral merece todo aquele que propositadamente cause a esses fidelísimos companheiros da nossa existência qualquer sofrimento desnecessário, ou para com êles manifeste, por qualquer modo, a sua crueldade?

3.º—Sendo certo que fazer sofrer por ignorância é mau, mas fazer sofrer por crueldade é horrível, e que maltratar os animais denota não só cobardia como mau caracter; que devemos pensar de quantos, supondo-se educados e, portanto, superiores aos animais, se comprasem em torturalos, em açular uns contra os outros, e em procurar divertimentos para si á custa das selvagerias que praticam para com êles?

O desenvolvimento de qualquer destes temas não deve occupar mais de dez linhas de escrita nem mais de quarenta, e deve ser enviado em letra bem legível, á Secretaria da Sociedade Protectora dos Animais, de Lisboa, (Rua de S. Paulo, 44-2.º), até ás 16 do dia 10 de Junho próximo, devidamente assinado pelo aluno ou aluna, com a designação da respectiva idade, e rubricada e autenticada pelo professor ou professora da respectiva escola, podendo esta ser pública ou particular.

As respostas serão julgadas pelo juri da Sociedade, sendo conferidos prémios pecuniários ou artísticos ás tres melhores classificadas em mérito absoluto, entre todas as que se apresentem. Independentemente destes prémios, outros serão conferidos ás tres melhores classificadas em mérito relativo, entre as que pertencam ás escolas de cada uma das regiões onde existem Sociedades Protectoras dos Animais, isto é: do Porto, Guimarães, Coimbra, Funchal e Ponta Delgada.

Os prémios aos alunos ou alunas de cada uma destas regiões serão distribuídos pela Sociedade respectiva, pela forma que melhor entender. Quanto aos prémios que couberem a alunos ou alunas das escolas de Lisboa ou proximidades, serão distribuídos em sessão pública e solene da Sociedade Protectora dos Ani-

mais da capital, que ha-de realisar-se no decurso do mês de Junho, em local que oportunamente se anunciará.

Além de todos os prémios mencionados, haverá as menções honrosas (diplomas de louvor) que o respectivo juri determinar, não só em mérito absoluto como em mérito relativo.

As respostas aos temas propostos podem ser enviadas desde já para a séde da Sociedade promotora do concurso inter-escolar.

N. B.—A Sociedade Protectora dos Animais, de Guimarães, propõe-se a distribuir os prémios que couberem a esta região, em sessão solene e pública, para o que oportunamente anunciará.

A mesma Sociedade encarrega-se de remeter para Lisboa, como conta das condições do concurso, as respectivas provas que lhe forem enviadas até dois dias antes da data fixada no concurso, isto é, até 8 de Junho próximo.

Foram ultimamente admitidos para sócios ordinários da Sociedade de Guimarães, os Ex.^{mos} Srs. Francisco Pereira Simões, José Maria de Freitas Carvalho, Conde de Margaride, Caetano de Faria Lima, José Maria do Souto, José Maria Gomes Alves, António de Quadros Flôres, Alberto César, Manoel de Freitas, António José da Silva Basto, Eduardo Pires de Lima, Dr. Miguel Tólim de Cerqueira Braga, Dr. António Leal de Barros Vasconcelos e Jerónimo de Castro.

Na ultima reunião da mesma Sociedade, entre outros assuntos, foi enviado o seguinte officio á Ex.^{ma} Comissão Administrativa da Câmara Municipal:

A valiosa e proficua cooperação que V. Ex.^{sa} tem dispensado a esta Sociedade, dá-me ousio para, em nome da mesma, rogar a V. Ex.^{sa} nos auxilium mais uma vez no intuito de bem fazer em pró dos animais úteis. Eis o caso, Ex.^{mos} Srs.: A falta de bebedouros para os cães e até gado graúdo é evidente nesta cidade.

E' crença popular que a séde nos cães é causa de êles serem mais facilmente atacados de hidrofobia, e assim, a ser verdade este conceito, impõe-se a necessidade de remediar de pronto a este tremendo perigo de salubridade pública: não é já só o dó que nos inspiram os pobres animais, é a *salus populi* que corre perigo, e a que o vosso zêlo, solicitude e reconhecidos cuidados não deixarão de atender, e a que todos os munícipes não regatearão louvores e incômios. Nos grandes centros este caso está regulado, e por certo aqui, com a abundância de água de que felizmente dispõe a cidade, poderá facilmente remediar-se sem exagerada despesa.

Saúde e Fraternidade.

Guimarães e Secretaria da Sociedade Protectora dos Animais, Maio de 1912.

O Presidente,

(a) António Emilio de Quadros Flôres.

No próximo número do nosso jornal, daremos, para conhecimento de todos, noticia de todas as transgressões que desde a existência da Sociedade de Guimarães se tem effectuado. Não o fazemos já porque o espaço não no-lo permite.

Cinematógrafo

Hoje, quinta-feira, sessão permanente.

Festa da Cidade

As "Gualterianas,"

Uma petição á Câmara—Subscrição

A Grande Comissão promotora das «Gualterianas» foi recebida na terça-feira pela vereação municipal, a quem entregou a costurada petição impetrando a sua valiosa cooperação na solenidade civica como são as festas e feiras que a cidade, num empenho ardoroso e patriótico, leva a efeito em Agosto. Pela presidência foi prometido colaborar a Câmara a dentro dos seus recursos, afirmando que no primeiro orçamento suplementar faria incluir a verba necessária, estando certa que da instância distrital viria a competente aprovação, tanto mais que festas da natureza das «Gualterianas» tendem ao progresso desta cidade e concelho.

Retirou a Comissão satisfeita, volvendo á sua peregrinação amialhando donativos que, valha a verdade, são gostosa, entusiástica e sinceramente oferecidos numa compreensão do seu significado, que o é, sem dúvida, de revivência e amor local.

A grande Comissão que, diga-se de passagem, vem trabalhando com o mais acendrado vigor de ânimo, está satisfeita dos resultados até hoje colhidos, pois reconhece que é bem de carinho e de aplauso o pouco ou muito que cada um oferece para a festa querida de nós todos. Cada um dizemos bem, pois não ha um vimaranense, não ha um único, que á terra tenha unido o seu viver, que não corresponda da maneira mais galharda ao apêlo dessa subscrição a que já pitorescamente chamam o fóro abençoado.

Honra, pois, á Cidade, que nobremente está com o progresso de Guimarães!

"Belêsas,, da Instrução Primária, em Guimarães

A S. Ex.ª o syndicante Dr. Caetano Pinto:

O que nós queriamos vêr esclarecido no meio das "belêsas,, da Instrução Primária desta circunscricção

«Vendiam-se exames; subtraíam-se propinas e, para encobrir este crime, fizeram-se desaparecer todos os processos de admissão a exames do 2.º grau até ao ano em que o sub-inspector foi substituído pelo actual; vendiam-se os certificados de exames do 1.º grau; cobravam-se emolumentos pela posse conferida aos professores e lavravam-se os respectivos termos sem lhes ser colocado o competente selo de verba; não se dava andamento a qualquer processo; gastava-se em expedientes mensais, para si e para os da grei, o que hoje se dispõe num ano; falsificaram-se, até, as valorisações das provas de exame!!!»



Revista de Guimarães.—Distribuiu-se o volume XXIX, n.º 2—Abril—1912, publicação da Sociedade Martins Sarmiento. Sumário: I—Arquivo da Colegiada de Guimarães. II—Convento da Costa. III—Boletim, com



MARAVILHAS DA ARTE ANTIGA

XX

Roma

A atestarem a grandeza do império romano, temos ainda pela Germania, pela Gália, pela Gran-Bretanha, pela Ibéria e pela Asia numerosos monumentos de justa admiração; e ainda, de origem cuéva da epoca da pédra polida, no periodo quaternário, anteriormente aos gaulezes e aos primitivos Céltas, os gigantescos alinhamentos de menhires, extensas avenidas de duzentos altos pilares rusticos levantados em seis linhas paralelas, terminando em semicirculo, proximo da costa, em Carnac, França. Ali teriam lugar, muitas vezes, as cerimoniaes druidicas celebradas por sacerdotes todos vestidos de branco, acompanhados das sacerdotisas, tendo estas as suas simbolicas fouces de ouro.

Das construcções feitas no periodo galo-romano, notabilisase a Maison Carrée, Casa Quadrada, em Nimes, assim chamada pelo seu aspecto exterior. Era na antiguidade um pequeno templo pagão, cercado de belas colunas de ordem corintia, encimadas por um friso de grande riqueza decorativa. Mandado construir pelo imperador Antonio, é hoje um museu de arqueologia.

Nesta mesma localidade admira-se tambem um circo identico na forma e distribuição interior ao Coliseu de Roma, mas em menores dimensões, e um Forum e muralhas de defeza militar, devidas ao mesmo imperador que era d'ali natural.

Existe ainda outro amfiteatro em Arles, maior que o antecedente, de um acabamento perfeito em pedras enormes, e tão bem conservado que nêle se realisam ainda grandes festas.

São formidaveis ainda as ruinas do grande teatro de Orange, de que um incendio poupou apenas as altas e solidas paredes, deixando vêr ainda a disposição das bancadas gerais.

Na Inglaterra existe a formidavel e historica torre de Londres, e a torre de Jerusalem, coeva da paixão de Cristo, domina ainda a cidade santa.

No solo da França aprumam-se as gigantes muralhas de Carcas-sone, e em Trenches, na Alemanha, ainda se erguem as muralhas e a sua famosa porta Negra, hoje transformada em museu.

Em Portugal ha vestigios da

dominação romanas na Casa de Viriato, em Vizeu, a Nabancia, em Thomar, Citania de Briteiros, ao norte, e Ossonoba, no sul, mercê dos trabalhos de illustres arqueologos portugueses, como Martins Sarmiento e E. da Veiga, de que ha curiosos especimens nos museus de arqueologia de Lisboa, Guimarães, Coimbra, Jardim d'Ajuda. Uma grande estrada militar, ligeada, que se conhece ainda em varios pontos, ligava o sul ao norte da Lusitania, com numerosos pontos.

A mais artistica ruina romana da península possui-a Portugal, em Evora—o formoso templo pagão de Diana devido ao general romano Quinto Sertorio, que a conquistou, e a dotou com o aqueducto que conserva ainda o seu nome.

O templo, calassico, é de forma rectangular e cercado de magnificas colunas aproximadamente corintias, de bem lavrados capitais, mixto de robustez e elegancia, simbolo da casta divindade pagã, cujo aspecto muito se devia assemelhar ao de Nimes.

Os romanos construíram soberbas obras de utilidade publica, dos quais os aqueductos são por vezes formidaveis construcções.

Na proximidade de Nimes, em Garda, entre duas montanhas, existe a mais monumental ponte-aqueducto, formada por triplice sobreposição de grandes arcos de cantaria sem cimento, tendo de comprimento duzentos setenta e dois metros, de aspecto impol-gante pela imponencia do seu conjunto.

Na campina romana, com sessenta milhas de extensão, existe o mais extenso aqueducto que se conhece, e que se destinava ao abastecimento de Roma com as aguas do Anio, tendo no seu inicio as notaveis concates de Tivoli, aformoseadas pelo templo de Hércules.

Em Segóvia, Hespanha, existe, com a extensão de doze kilometros, o monumental aqueducto e ponte do mesmo nome, formado de duas ordens d'arcos, e attribuído ao imperador Vespertino. E em Alcantara, sobre o Tejo, mantem-se a grande ponte de cento oitenta metros de comprimento por sessenta de altura, constituída por seis arcos de granito sem cimento.

a sessão solene de 9 de março último, para distribuição de prémios aos alunos mais distintos das diferentes escolas do concelho, no 3.º aniversário da fundação da Sociedade.

"Centro Republicano." — Visitamos a nova sede deste grémio politico, á Porta-da-Vila, colhendo as melhores impressões. Na sala do primeiro andar foi instalado o gabinete de leitura, encontrando-se ali jornais e revistas em profusão. No segundo andar destaca-se a sala das sessões, ampla e melhor mobilada, vendoes nas paredes os principais vultos da democracia. Os compartimentos laterais e os do fundo ficam destinados para jogo, aquêle jogo que o clubismo comporta e admite. Sabemos que em breve se vai fazer aquisição dum bilhar, tor-

nando assim frequentada a sede do Centro Republicano, o que tão conveniente se torna para vêr se desperta o espirito da sociabilidade entre nós.

Senso do concelho. — 59:152, sendo 27:139 varões e 31:237 fêmeas; ausentes 770, sendo 466 varões e 310 fêmeas. Em 1900 o senso da população do nosso concelho acusava 27:271. Vive-se!

"A Bomba." — até nós chegou o n.º 4 deste jornal de caricaturas, tendo como seu director artistico o nome feito de Cristiano de Carvalho. A parte literária pertence a Alvaro Pinto conhecido e reportado no jornalismo. Anuncia a sua deliverance semanal na «invicta e leal cidade». Agradecimentos e vamos permutar.

Descanço nas farmácias

No próximo domingo encontra-se aberta a farmácia do Hospital.

Adubos Químicos

A importante casa negociante de Adubos Químicos e artigos congêneres, O. Herold & C.ª, com sede em Lisboa, lembra a todos os srs. lavradores e negociantes de adubos quimicos dos distritos de Aveiro, Viana do Castelo, Porto e Braga, o seu escritório de venda e depósito de adubos na cidade do Porto, 22, Rua da Nova Alfândega.

Os srs. lavradores e revendedores da mencionada área queiram pois dirigir toda a sua correspondência e encomendas a O. HEROLD & C.ª Porto.

A casa O. HEROLD & C.ª Porto.

Está autorizada e habilitada pela sede de Lisboa a fechar todas as transacções nas condições mais vantajosas possíveis para os compradores, não havendo para os freguezes nem o mais pequeno aumento pelo facto de se entenderem com a sucursal do Porto, em vez de com a sede de Lisboa. Todos os lavradores da mencionada região teem, pelo contrário, a grande vantagem de serem mais rapidamente servidos pela sucursal do Porto, tanto com as respostas ás suas perguntas como com expedições, porque se poupa o tempo que a troca de cartas com Lisboa exige.

Os lavradores do concelho do Porto e dos concelhos circunvizinhos, e que freqüentemente teem carros para o Porto, teem a grande vantagem de poderem ser a todo o momento servidos de adubos no armazem do Porto, que está aberto todos os dias.

Do escritório do Porto, um empregado-viajante percorre amidadas vezes, em viagem, a área sservida pela dita sucursal.

Mercado semanal.

No mercado semanal último, venderam-se os géneros pelos seguintes preços:

Trigo	12000
Centeio	680
Milho alvo	800
Milhão branco	650
» amarelo	630
Feijão vermelho	12250
» branco	12100
» canário	850
» rajado	750
» fradinho	800
Vinho tinto	12250
Aguardente	42100
Azeite	62300
Batatas	560
Ovos, dúzia	140
Galinhas, uma	700

AVISO

Excursão ao Porto

No dia 2 de Junho

A comissão promotora d'esta excursão, tendo de fechar o respectivo contracto com a Companhia do Caminho de Ferro, até ao dia 19 do corrente, previne o publico vimaranense, de que se vá munindo a tempo, com seus bilhetes, para não perder tam bella occasião de visitar a cidade do Porto.

Vendem-se

Um aparador e guarda louça usados. Nesta redacção se trata.

Editos de 4 meses

(1.ª publicação.)

No Juizo de Direito desta comarca, e cartório do escrivão do 2.º officio abaixo assinado, e no processo de justificação e habilitação, em que foram justificantes Joana Maria, auctorisada por seu marido José de Freitas, do lugar do Barrôco, freguesia de S. Torquato, Josefa Rosa, auctorisada por seu marido Joaquim Pereira da Silva, do lugar de Campelos, freguesia de S. João de Ponte e João Martins de Sousa, casado, do lugar de Funde Segade, da dita freguesia de S. Torquato, todos dêste comarca, com a assistência do M.º P.º e dum agente especial do mesmo, officiosamente nomeado, se proferi-se sentença final em data de 25 de Abril do corrente ano, e por virtude dela foram os justificantes julgados habilitados e deferida aos mesmos a successão e entrega da quota que a seu irmão Manoel de Sousa, tambem conhecido por Martins Guimarães, pertenceu no inventário por falecimento de seus pais, visto o mesmo achar-se ausente há mais de 20 anos no Brazil, sem noticias, o que os justificantes provaram com documentos e depoimentos de testemunhas.

O que se faz público para os efeitos legais.

Guimarães, 9 de maio de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão,

Manoel Ribeiro de Sousa Mascarenhas.

EDITAL

(2.ª Publicação.)

A Câmara Municipal deste concelho de Guimarães

Faz saber que no dia 21 do corrente mês de Maio, pelas 12 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública a obra de reparação, melhoramento e aformoseamento do Largo do Trovador, desta cidade, conforme o projecto votado em sessão ordinária de 9 de Abril e aprovado superiormente em sessão da Comissão Distrital de 26 do mesmo mês e ano corrente, sob a base de licitação de 648\$000 réis.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos logares mais publicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 1 de Maio de 1912. E eu José Maria Gomes Alves, Secretário da Câmara, o subscrevi.

O Presidente,

José Pinto Teixeira de Abreu.

A MODA EM GUIMARÃES

Encontra-se sempre na CHAPELARIA e GRAVATARIA MARTINS, unico estabelecimento que apresenta ultimas novidades em Chapéus, Bonets, Gravatas, Collarinhos, Suspendórios, Peugas, Lenços, Ligas para homem, Botões de punho, Bengallas e Guarda-chuvas.

ARTIGOS PARA MILITARES

CACHE-COLS

SAPATOS DE BORRACHA

Agente da casa de carimbos de borracha de JOÃO H. VIEIRA, de LISBOA

MANOEL C. MARTINS

7, Passeio da Independencia, 9—GUIMARÃES

PADARIA

—DE—

Joaquim de Sousa Neves

Especialidade em BIJOU, e pão de milho

Rua da Liberdade (à Cruz de Pedra)

GUIMARÃES

Ao Guarda-sol Elegante

CHEGARAM AS SOMBRINHAS

RUA DA REPUBLICA

GUIMARÃES

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo d'Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS
VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura

Preço das publicações

Anno	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciais, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

Abilio d'Almeida Coutinho 113, Rua da Republica, 115

Solicitador encartado

Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras.
Compra e venda de papeis de credito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.
Compra e venda de predios urbanos e rusticos, para o que ha sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.
Sobre todas estas operações, de que está encarregado, guarda-se segredo profissional, tratando-se somente com os interessados.

ALVORADA

Ao Cidadão